



IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

O CARÁTER EDUCATIVO DO JORNAL O CARAPUCEIRO: A EDUCAÇÃO NA PROVÍNCIA DE PERNAMBUCO NO SÉCULO XIX

Adriene Santanna
adrisan@hotmail.com
Marcília Rosa Periotto
mrperiotto@uem.br
(UEM)

Resumo

O trabalho tem por objetivo analisar o jornal *O Carapuceiro* publicado em Recife nos anos de 1832 a 1845, por Miguel do Sacramento Lopes Gama. É um estudo em desenvolvimento para a elaboração de dissertação de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Estadual de Maringá. O estudo tem em vista delimitar o caráter educativo circunscrito ao jornal, o qual se difundia como conteúdo que visava à educação da juventude tendo em vista a formação dos dirigentes do novo Império. O jornal, entre muitos outros temas, fazia crítica dos costumes, expediente utilizado pelo autor para marcar as transformações que mudavam o comportamento da população que se achava suscetível às influências estrangeiras adotando hábitos “desregrados”, na sua visão. Frente a este estado, Lopes Gama passou a debater o processo de mudanças tentando estabelecer um modelo de homem que, ao mesmo tempo em que promoveria o progresso social, econômico e político do Brasil com ações acertadas manter-se-ia adepto dos princípios definidos nas Sagradas Escrituras. Era uma questão de moral, em sua opinião. Esse aspecto interessa ao estudo na medida em que o comportamento individual interessava ao capitalismo e deixa expressas as contradições da sociedade no século XIX ao mesmo tempo em que ressalta o vínculo com a História da Educação

Palavras-chave: Educação. História da Educação. Imprensa.

Introdução

O avanço das relações burguesas século XIX aos territórios recém libertos da condição colonial produziu transformações na sociedade brasileira, alterando o cotidiano da população e o modo de pensar de seus habitantes. Os intelectuais do período não ficaram alheios a esse movimento, e se utilizavam da imprensa para externar posições políticas próprias ou dos grupos que representavam. O jornal *O Carapuceiro*, entre as folhas dedicadas à crítica social, realizou um importante debate sobre os conflitos de natureza política e da vida cotidiana da elite na cidade do Recife.

Na tentativa de melhor compreender a trajetória histórica brasileira o jornal passou a frequentar os ambientes acadêmicos de todo país, adotando uma nova dimensão desde o início do século XX, com Gilberto Freyre. As interpretações dos fatos realizadas por seus editores





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

trouxeram novos elementos que redimensionaram e reavaliaram as interpretações já concretizadas. Isso não foi diferente no campo da Educação. Os jornais foram utilizados como fonte de estudo, pois traziam em seus conteúdos concepções que criaram e fortaleceram a consciência social dos brasileiros, contribuindo assim, para uma educação voltada às novas condições instituídas. Os jornais do século XIX expuseram os esforços travados no processo de formação da elite brasileira, uma vez que a responsabilidade de definir os rumos da Nação deveria estar assentada nas mãos de homens instruídos intelectualmente e moralmente.

Segundo Lustosa (2004) a chegada de d. João VI no Brasil em 1808 gerou um espírito de progresso e desenvolvimento que, até então, estivera encoberto pelos laços coloniais monopolistas. O novo mundo que descortinava ao Brasil exigiu novas concepções sociais que estivessem pautadas nos novos valores disseminados pela burguesia. As novas necessidades mundiais exigiram definições políticas dos brasileiros tendo como princípios o pensamento econômico e político burguês que se cristalizou nos séculos anteriores da Europa: o liberalismo.

Ainda que os antigos laços colonialistas estivessem conduzindo as relações sociais no século XIX, as pressões modernizantes, traduzidas na ideia de progresso, embrenharam-se por todas as classes sociais brasileiras. Esse movimento esteve expresso nos jornais que buscaram conduzir à sociedade às novas ordens imputadas pelo avanço do capital. Utilizando-se das potencialidades educativas atribuídas desde o Iluminismo europeu, os jornais iniciaram a exposição de elementos que destruíram as antigas bases do colonialismo, por meio da valorização das atuações políticas e morais condizentes com tal realidade.

Dessa forma a potencialidade educativa tornou-se presente em diversos jornais, que por meio da exposição de opiniões pessoais ou fatos políticos, procuraram esclarecer a sociedade a respeito dos embates políticos nas esferas nacionais e internacionais. Uma estrutura social necessitava ser construída para garantir o sucesso das novas empreitadas burguesas, e para tal a educação constituiu-se como caminho. A instauração de uma nova ordem exigia que a educação fosse reformulada, distinguindo severamente a existência humana do status anterior, por meio da quebra de valores e pensamento que comprometiam o avanço das novas relações (FIGUEIRA, 1995).





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

A imprensa transformou-se em fonte para a educação tanto da elite quanto das camadas populares, ao disseminar ideias e valores que orientaram os processos educativos. Assim, a função pedagógica dos jornais desprende-se da compreensão de educação estritamente escolar, cujo conhecimento acumulado é ensinado aos homens no interior de um espaço físico determinado. Compreende-se que a educação constitui-se como processo intrinsecamente social, onde os indivíduos são ensinados a agirem como legítimos representantes da época, e, portanto “[...] não podem existir de qualquer maneira – como Dom Quixote – mas de maneira social [...]”. (FIGUEIRA, 1995, p. 14)

Como afirma Pallares-Burke (1995) *O Carapuceiro* (1832-1845) exerceu com grande sabedoria a função educativa atribuída aos jornais pelo movimento iluminista. Para além das críticas dos costumes, o jornal de Lopes Gama inseriu-se nos embates históricos de seu tempo, expondo os conflitos existentes entre o pensamento colonial e as novas frentes progressistas burguesas.

Lopes Gama, formado nos seminários de Olinda e da Bahia apresentou em suas críticas o conflito entre o pensamento liberal da época e os cânones católicos que conduziram sua formação. Expôs tanto a perda dos valores que considerava imprescindíveis ao progresso social, como a incorporação de práticas modernizantes que auxiliaram o estabelecimento dos novos laços sociais.

O envolvimento com a política, a educação, religião e imprensa possibilitou-lhe intensa compreensão dos princípios que guiavam ou deixavam de orientar a sociedade brasileira do século XIX. Nas páginas d’*O Carapuceiro*, Lopes Gama apresentou-se preocupado com a perda da influência católica na organização da vida pública e privada dos indivíduos, expondo o movimento histórico da época, no qual a separação do Estado e da religião já se manifestava como realidade em muitas nações do Velho Mundo.

Além disso, a preocupação com a criação de um Estado organizado norteou as publicações no *O Carapuceiro*. A busca pela construção da nação apresenta-se como princípio fundante do jornal:





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Escrevo, pois esse periódico contra os vícios, 1º porque esses muito prejudicam a sociedade, e eu quisera ver muito feliz a minha Pátria; 2º porque em fim não sei que lhes fica, de sorte que lhes direi, que não tendo meios nem modos, nem, consciência de cunhar chunchão, (suposto que ande muito em moda) assentou-se no animo o adquirir alguns vinténs. (O CARAPUCEIRO, nº1, 7/4/1832).

A proposta de correção dos vícios, que “são sujeitos sem corpo, nem alma”¹, por meio de reformas morais-religiosas buscava a superação dos problemas que obstaculizavam o desenvolvimento no Brasil. Contudo, é evidente a contradição do pensamento de Lopes Gama, pois o pensamento burguês exigia a supressão radical das antigas amarras do absolutismo e, manter-se a favor da Igreja naquele momento representava o conflito entre o poder eclesiástico e o Estado.

O pensamento de Lopes Gama, expresso no *O Carapuiceiro*, contribui para o entendimento das relações sociais que orientavam as práticas dos construtores do Estado brasileiro nos oitocentos e na compreensão do ideário presente na formação dos homens no decorrer do século XIX.

O Carapuiceiro: Periódico sempre moral e so per accidens politico?

No ano de 1832 o então Frei Miguel de Sacramento Lopes Gama² publicou em Recife um jornal marcaria seu percurso jornalístico: *O Carapuiceiro*. A edição desse jornal sofreu algumas interrupções entre os anos de 1832 a 1845, chegando a ser publicado em outros jornais e na província do Rio de Janeiro (FELDMAN, 2008).

Lopes Gama viveu grande parte de sua vida em Pernambuco, onde atuou decisivamente na política, na religião, na educação e na imprensa, realizando intensos debates que se estendiam por décadas. O processo de independência política brasileira e, conseqüentemente, o modelo político que dirigia o país, rendeu-lhe um vasto campo de atuação, quer na carreira de deputado pelas províncias de Alagoas e Pernambuco, quer no campo educativo como diretor, professor e visitador

1 O CARAPUCEIRO, nº1, 1832.

2 Miguel de Sacramento Lopes Gama nasceu em Recife no ano de 1791, e viveu grande parte de sua vida nesta cidade, vindo a falecer em 1852. Foi redator de vários jornais entre eles *O Sete de Setembro*– jornal essencialmente político- e *O Carapuiceiro*, que lhe trouxe reconhecimento e o célebre apelido de Padre Carapuiceiro





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

das escolas públicas pernambucanas (MELLO, 1996). Além disso, as disputas políticas regionais e nacionais foram descritas não somente n’*O Carapuço*, mas em seus outros jornais: *O Constitucional*, *O Sete de Setembro*, *O Harmonizador*, *A Ratoeira*, *O Popular*, *Os Federalistas*, *O Pernambucano* (QUINTAS, 1958).

Caracterizando *O Carapuço* como periódico *sempre moral e so per accidens politico* Lopes Gama procurou atuar no campo que poucos indivíduos se arriscaram: a moral, os costumes e os hábitos cotidianos da sociedade pernambucana. A subversão dos valores através da importação de práticas estrangeiras foi alvo constante de críticas, desencadeadas pelo gosto insensato dos brasileiros em “macaquear os hábitos estrangeiros”³. Em diversas passagens Lopes Gama censurou as transformações cotidianas incorporadas pelos nativos, expondo alterações no âmbito privado que no seu entendimento representava tanto o despreparo frente ao progresso, quanto retrocesso das conquistas alcançadas pelos valores cristãos.

Um tema, aparentemente sem valor, compareceu frequentemente nas folhas do jornal e expôs questões que comprometiam a condução da Nação pelos nativos. A comparação entre as vestimentas dos brasileiros e estrangeiros foi alvo de ironias e anedotas. No entanto, as sátiras censuram a intensa participação dos estrangeiros na sociedade brasileira, por meio da incorporação de hábitos que corrompiam os valores apropriados. Lopes Gama advertia que as únicas imitações válidas deveriam ser de costumes que promovessem o progresso moral dos sujeitos e da nação que se construía.

O que será se tivermos de ver a maior parte das senhoras em traje de cozinheiras? Tudo está em constar que é moda, vinda da França, para ser logo abraçada e aplaudida. Por que não cuidam as nossas meninas em imitar as muitas senhoras francesas no desejo de instruir-se e adquirir prendas estimáveis? Isso não, porque pede aplicação e trabalho, e temo-las de tal natureza, que nem a ler e escrever querem que se lhes ensine. (O CARAPUCEIRO, Nº 25, 6/10/1832).

Em virtude da participação estrangeira – principalmente de franceses e ingleses– a população brasileira era privada de trabalhos que lhe ofertasse oportunidades de desenvolver-se materialmente e moralmente. Diversos campos de trabalho, principalmente o comércio,

3 (O CARAPUCEIRO, n.3 14/01/1840).





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

encontravam-se nas mãos de estrangeiros, retirando dos nacionais a possibilidade de sustento próprio. Lopes Gama justificou que sua “embirração” com estrangeiros tem como princípio a valorização da nação brasileira.

Que me importa? Importa-me muito, porque sou brasileiro, escrevo no meu país natal, e desejo vê-lo melhorado dos muitos abusos e misérias em que o criaram e vai jazendo. Confesso que muito respeito a grande nação francesa, e que mil bens desejo a todos os seus filhos. Mas seria errada e criminosa a minha filantropia se lhe apetecesse vantagens em prejuízo dos meus próprios cidadãos. Creio que não há Estado, Reino ou Império sobre a face da Terra onde se permita que estrangeiros vendam o retalho, enriquecendo-os e privando os nacionais desse meio de subsistência. (O CARAPUCEIRO, Nº 25, 6/10/1832).

A ascensão da burguesia promoveu uma nova configuração no âmbito do trabalho. A partir da ideia dos pensadores iluministas como John Locke, a necessidade do trabalho para promoção da existência humana, torna-se pilar do pensamento burguês, exigindo do Novo Mundo nova organização do trabalho. (FIGUEIRA, 1995). Dessa forma, as relações sociais desenvolvidas pela nova ordem produziram ressignificações no âmbito produtivo, substituindo o trabalho servil pelo trabalho assalariado. Para essa empreitada, a sociedade deveria compreender o labor como natural e necessário à todos aqueles que desejavam guiar suas próprias vidas e beneficiar, conseqüentemente, sua sociedade

Esse processo não foi diferente no Brasil do século XIX. A incessante batalha travada pelos intelectuais e representantes do pensamento burguês pelo fim da escravidão e pela inclusão da nação na rota do desenvolvimento burguês, evidencia a busca por mudanças no modo de produção brasileiro, e, por conseguinte a substituição das forças produtivas.

Nas páginas d’*O Carapuço* é possível encontrar tanto a defesa da transformação do Brasil à categoria de nação industrial, quanto a promoção do trabalho livre como fonte para tal obra. Esse intenso debate realizado nas primeiras décadas do século XIX encontra-se descrito em suas páginas, por meio de críticas às antigas estruturas escravistas e, sobretudo, através da exposição de temas que buscaram ressignificar o trabalho, cujas propriedades conduziram ao progresso material e moral dos brasileiros. Na publicação de 17/6/1837 ao afirmar que o vadiismo é o vício do Brasil, Lopes Gama saiu em defesa da valorização do trabalho, caracterizando-o como





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

preceito divino, capaz de promover o desenvolvimento moral dos indivíduos e, ao mesmo tempo, afastar os vícios que corrompem os indivíduos e a própria sociedade.

O vadiismo, pois é o maior flagelo do nosso Brasil, cuja fertilidade concorre grandemente para a ociosidade. [...] Aqui finalmente uma não pequena parte da gente livre e da liberta entende que o trabalho só é próprio do escravo, em consequência despreza tudo quanto é serviço corporal. (O CARAPUCEIRO, Nº 18, 17/6/1837).

E continua:

O trabalho é a grande mola de toda a natureza vivente; tudo está em movimento e atividade; os animais nos seus bosques procuram a vida cuidadosamente; muitos aplicam a astúcia; uns sobem-se às arvores para lhes colhermos frutos, outros escavam a terra, e ali descobrem o sustento, e as aves aquáticas são insignes mariscadeiras. Só o homem passará os seus dias na indolência de Epicuro? Que desgostosa a vida! (O CARAPUCEIRO, n. 18, 17/6/1837).

As virtudes pregadas por Lopes Gama deveriam percorrer, necessariamente, o caminho educativo. A educação de cunho moral-religioso promoveria a ascensão pessoal dos indivíduos, bem como o progresso da nação. Aos pais caberia iniciar a educação dos filhos- principalmente das mulheres- nos preceitos da Igreja Católica, por meio de práticas condizentes aos ensinamentos cristãos. Assim, os desvios morais deveriam ser corrigidos rigorosamente, substituindo-os por atitudes verdadeiramente cristãs:

Para se corrigirem os maus hábitos é necessário que a mocidade receba outra educação, e que esta seja verdadeiramente moral e religiosa. É necessário que os pais sejam mais cuidadosos em infundir nos tenros corações de seus filhos os princípios da fé católica do que as regras da cachucha, do sorongo, do montenelo, das quadrinhas e do galope. É necessário enfim, que o ensino da religião ocupe os principais desvelos do governo, dos pais, dos párocos e dos preceptores da instrução primária. (O CARAPUCEIRO, n. 7 17/2/1838).

O Carapuço colocou-se como orientador dos leitores, pais e mestres responsáveis pela educação dos jovens. Os esforços educativos desenvolvidos pelo jornal correspondem aos anseios da época, no qual homens bem instruídos e educados moralmente guiariam com seriedade a construção da nação. No entanto, os preceitos disseminados por este jornal não foram direcionados às camadas populares. Lopes Gama escreveu diretamente à classe dirigente,





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

alertando-a para o importante papel na educação do povo, pois “[...] os pequenos pelo natural sentimento de imitação [...]” também se orientará pelos mesmos preceitos (O CARAPUCEIRO nº 4, 21/02/1840).

O direcionamento constante dos interesses populares pela elite brasileira é alvo de discussão n’*O Carapuceiro*. Tratando de assuntos aparentemente sem grande importância, Lopes Gama retratou a grande influência das ideias e posturas dos detentores de grandes fortunas sob a população. No artigo *O Luxo* (nº5 26/5/1832) as pressões modernizantes exercidas sob as classes populares refletem-se na busca incessante pelos bens – vestimentas, adereços, objetos – pertencentes exclusivamente ao um grupo pequeno de proprietários rurais, comerciantes e funcionários públicos. O luxo é apresentado como condizente a esses homens, tornando-se, no entanto, prejudiciais àqueles que se entregam às dívidas na tentativa de satisfazer seus desejos:

A quem, sobre o necessário tem acumulado o supérfluo, não pode o luxo prejudicar, uma vez que não exceda os limites da moderação, a qual deve sempre acompanhar a todas as ações humanas. Nas o luxo é uma peste horrível quando se estende às classes e pessoas que não o podem nutrir sem grave prejuízo de sua fortuna e honra. (O CARAPUCEIRO, nº 5, 26/6/1832).

Neste mesmo artigo Lopes Gama realiza uma análise presente em todo trabalho: o papel da mulher na sociedade. Os artigos referentes às mulheres encontram-se preenchidos de críticas ferinas sobre as modificações de seus hábitos e comportamentos que, a seu ver, desvirtuaram o real papel feminino. A função de formar os futuros governantes esteve atribuída às mulheres da época e, para que pudessem educar corretamente seus filhos, a boa educação deveria orientá-las desde a tenra idade. Lopes Gama concebia que uma educação voltada à aparência física, aos ornamentos e aos luxos materiais, retirava das mulheres toda potencialidade natural às virtudes, afastavam-nas do bom gerenciamento do lar e da educação dos filhos. As atividades que anteriormente eram apreciadas pela sociedade, como o coser, o cozinhar etc., retornaram em Lopes Gama como meio de promoção de virtudes, pois tais tarefas direcionavam o pensamento feminino para ações verdadeiramente importantes- a educação dos filhos, o bom relacionamento com seu companheiro e a boa condução do lar. O conhecido ditado popular representa, em linhas





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

gerais, o pensamento de Lopes Gama: “A cabra vai pela via, por onde vai a mãe, vai a filha” (O Carapuceiro, nº 4, 21/02/1840).

Assim, as preocupações educativas de Lopes Gama definiram claramente o campo de atuação de cada membro familiar. Ao bom homem era necessário prover a subsistência dos filhos e esposa, amparando economicamente e moralmente através de trabalho respeitável e bons exemplos. Por conseguinte, a incumbência da mulher consistia em promover uma educação sólida, pautada em princípios morais/religiosos da Igreja Católica, influenciando o respeito e a subordinação dos filhos aos adultos.

No artigo *A ornitomania ou paixão por pássaros* Lopes Gama expõem o papel do homem através da feroz crítica as manias. Muitos homens, ao buscarem satisfazer suas paixões, comprometem a existência de seus familiares, faltando-lhes itens básicos de sobrevivência tais como a alimentação, vestimenta e moradia. Para ele, a prudência e a moderação nos gastos constituem-se no melhor caminho a ser seguido por aqueles que não possuíam grandes fortunas. Ao criticar os excessos realizados em prol das manias o pensamento moderado de Lopes Gama torna-se presente:

Todo homem deve ser bom financeiro, isto é, deve regular as despesas pela receita. As grandes naus podem afoitar-se e atirar-se ao largo oceano, mas os barquinhos não devem arredar-se muito da costa. Assim as pessoas de grandes fortunas podem ter seus desperdícios, podem gastar superfluamente sem maior perigo. Aquele, porém, que não está nas mesmas circunstâncias contente-se com a sua sorte, limite-se ao preciso, que nunca terá de arrepender-se. Mal por aquele que posterga esta regra, pois facilmente cairá na indigência e desta na horrorosa mendicidade. (O CARAPUCEIRO, n 15, 6/4/1839).

Em muitos artigos o autor d’O *Carapuceiro* apresentou as consequências danosas aos exageros de diferentes naturezas por meio de crítica seguida de exemplos - verídicos ou por ele criados – que deram validade às SUAS análises. Nesse mesmo artigo Lopes Gama citou o caso de um ornitomaníaco que, ao aventurar-se atrás de um pássaro, vivenciou desgraças inimagináveis:

Era tempo de rigoroso inverno; estavam os rios cheios, as estradas quase intransitáveis, mas o homem nada temeu. Desamparou a família, deixou a esposa próxima a dar a luz e pôs-se a caminho. Com efeito, depois de grande incômodos





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

e perigos, venceu as amarguradas vinte léguas e conseguiu comprar o tão suspirado passarinho. Mas na volta este fugiu-lhe em caminho por se haver quebrado um ponteiro da gaiola. Ele mesmo, ao vingar uma ribanceira, caiu com o cavalo, quebrou uma perna; teve de prosseguir a viagem em rede. E quando chegou à casa, na véspera tinha-lhe morrido de parto a mulher, e acho de menos cindo ou seus dos seus melhores pássaros! Não se sabe qual sentiu mais, se a perda destes, se a perda daqueles. (O CARAPUCEIRO, n 15, 6/4/1839).

Por todo jornal às virtudes humanas sobrepõem-se aos títulos e propriedades. A subordinação do último sobre o primeiro expõe claramente o preceito cristão de valorização do caráter e do espírito humano sobre o homem terreno, no qual títulos de nobreza e bens materiais não são condições basilares ao progresso moral. Os antigos grilhões aristocráticos, resistentes às novas relações sociais, foram alvos de análises que destacam o indivíduo moralmente educado. Para Lopes Gama os títulos reais, as propriedades e os bens da aristocracia pouco contribuíam para a incorporação e transmissão do bom caráter, visto que era através da observância dos preceitos religiosos e da boa educação que nasciam as virtudes. Além disso, afirmou que seu entendimento de nobreza distinguia-se do conceito consensual, pois “[...] o verdadeiro nobre é o homem de bem, é o homem que teme a Deus, e respeita e observa a lei [...]” (O CARAPUCEIRO, n. 19, 28/5/1839).

O manancial de temas tratados n’*O Carapuço* possibilita vastas interpretações de diferentes campos de estudo. Seu caráter educativo manifesta-se evidente quando refletimos sobre perguntas como: Que homem era necessário a nova sociedade em construção? Qual educação seria necessária ao novo homem? Quais valores eram imprescindíveis à instauração e manutenção da nova ordem burguesa? Essas e outras perguntas promovem o entendimento d’*O Carapuço* pelo viés da educação, exigindo a compreensão de movimento histórico mais amplo do século XIX. Dessa forma, o pensamento particular dos intelectuais manifestou os conflitos presentes na sociedade da época, possibilitando a compreensão do processo histórico no qual se presumia iniciar o Brasil no caminho do progresso econômico, político e social.

Conclusão





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Grande parcela da sociedade brasileira esteve privada, por séculos, do contato com as ideias ilustradas que circulavam na Europa. A palavra impressa desenvolveu-se no território a partir da chegada da corte portuguesa ao Brasil em 1808, que no mesmo ano, pelo decreto de 13 de maio, permitiu a instalação da primeira prensa tipográfica no Rio de Janeiro com a finalidade de publicar, exclusivamente, legislações governamentais e obras devidamente autorizadas pelas mesas censórias portuguesas. (LUSTOSA, 2004). Lopes Gama compreendeu as intensas transformações vivenciadas nas primeiras décadas do século XIX, ao revelar suas preocupações quanto ao direcionamento a ser tomado pela antiga colônia. Tais preocupações não se restringiram ao âmbito comportamental ou costumbeiro - como é expresso em muitos estudiosos da cultura brasileira⁴ - ao contrário, expressaram as lutas travadas entre as antigas e novas formas de vida, ou seja, os conflitos entre as classes existentes no período colonial e as novas configurações sociais desenvolvidas no movimento capitalista.

O discurso costumbeiro revela questões intestinas da sociedade brasileira oitocentista: as orientações políticas (conservadores e liberais), a constituição de uma nação desenvolvida e a formação educativa de novos homens aptos às transformações presentes. Esse discurso moralizante, fundamentalmente religioso, evidenciou a preocupação com o desenvolvimento social capaz de articular os avanços científicos e tecnológicos com os preceitos cristãos e católicos.

A Igreja Católica exigia a recuperação de seu domínio perdido após as entrada das ideias liberais no Brasil. Lopes Gama colocou-se como defensor dos interesses eclesiástico, e contraditoriamente, promulgou os valores liberais que adentravam pelos portos brasileiros. Essa ambivalência sucinta uma questão: Como articular a formação religiosa com as proposições liberais já difundidas no interior do Império?

Os antigos princípios que orientavam a sociedade que, naquele contexto, apresentavam-se como incompatíveis ao modo de vida instituído, foram recuperados pelo *O Carapuzeiro*. Contudo, a volta ao passado era impossível diante de tais conjecturas. O percurso à nação industrial e independente exigia novos homens e novas organizações as quais pudessem dar as bases para o novo sistema econômico e político. E qual seria o papel da religião neste novo modo de vida? Para

4 Valdemar Valente, Evaldo Mello, Gilberto Freyre, entre outros.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Lopes Gama, a religião deveria ser a base para todo progresso, orientando as relações públicas e privadas. A moral cristã conduziria a população exclusivamente ao avanço esperado, controlando as práticas indesejadas produzidas pelas circunstâncias modernizadoras.

A ação educativa d’*O Carapuceiro* está presente quando colocamos suas análises num contexto mais amplo de transformações sociais provenientes do capital. As considerações feitas sobre o cotidiano recifense do século XIX e as ações políticas regionais, tentaram esclarecer a sociedade dos riscos do progresso desenfreado que, ao interferir e ditar a vida dos indivíduos cerceava a liberdade individual e corroborava para a manutenção dos privilégios dos antigos grupos dominantes.

Assim, *O Carapuceiro* deixa um legado importante para a História da Educação Brasileira, por meio de juízos que se encontram presentes até os dias atuais tanto nas práticas quanto nas propostas educacionais. Compreender suas origens e fundamentos, auxilia-nos na compreensão da finalidade da educação e seus rumos. O estudo do pensamento de Lopes Gama não se encerra nessas páginas, uma vez que a complexidade de sua personalidade e das relações que imperavam no Brasil exige um panorama amplo e aberto às novas possibilidades de compreensão do objeto.

Referências

- FELDMAN, A. **O império das carapuças: Espaço público e periodismo político no tempo das regências (1832-1842)**, 2008, 166f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- FIGUEIRA, P. A. **A educação de um ponto de vista histórico**. Revista intermeios, Campo Grande: UFMS, v1, n°1. 1995.
- FREYRE, G. **Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. t.1. 14ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1969.
- GAMA, M. S. L. **O Carapuceiro (1832-1842)**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1983. 3 v.
- LUSTOSA, I. **O nascimento da imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- MELLO, E. C. (Org.), **O Carapuceiro: crônicas de costumes**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- PALLARES-BURKE, M. L. G, **Nísia Floresta, O Carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural**. São Paulo: HUCITEC, 1995. Recife: UFPE; Editora Universitária, 1975.
- QUINTAS, A. **O Padre Lopes Gama: Um analista político do século XIX**. Recife: Editora universitária UFPE, 1975.
- SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- VALENTE, W. **O padre carapuceiro: crítica de costumes na primeira metade do século XIX**. Departamento de cultura da SEEC. Recife-1969.

